

*José Murilo de Carvalho*

# **Cidadania no Brasil**

## **O longo caminho**

*18ª edição*

Edição atualizada



**CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA**  
Rio de Janeiro  
2014

## Sumário

PREFÁCIO 7

INTRODUÇÃO: MAPA DA VIAGEM 13

### Capítulo I: Primeiros passos (1822-1930) 21

O PESO DO PASSADO (1500-1822) 23

1822: OS DIREITOS POLÍTICOS SAEM NA FRENTE 31

1881: TROPEÇO 44

DIREITOS CIVIS SÓ NA LEI 50

CIDADÃOS EM NEGATIVO 70

O SENTIMENTO NACIONAL 81

### Capítulo II: Marcha acelerada (1930-1964) 89

1930: MARCO DIVISÓRIO 93

OS DIREITOS SOCIAIS NA DIANTEIRA (1930-1945) 114

A VEZ DOS DIREITOS POLÍTICOS (1945-1964) 130

CONFRONTO E FIM DA DEMOCRACIA 148

### Capítulo III: Passo atrás, passo adiante (1964-1985) 159

PASSO ATRÁS: NOVA DITADURA (1964-1974) 162

NOVAMENTE OS DIREITOS SOCIAIS 174

PASSO ADIANTE: VOLTAM OS DIREITOS CIVIS E POLÍTICOS (1974-1985) 177

UM BALANÇO DO PERÍODO MILITAR 194

### Capítulo IV: A cidadania após a redemocratização 199

A EXPANSÃO FINAL DOS DIREITOS POLÍTICOS 202

DIREITOS SOCIAIS SOB AMEAÇA 208

DIREITOS CIVIS RETARDATÁRIOS 211

CONCLUSÃO: A CIDADANIA NA ENCRUZILHADA 219

POSFÁCIO 229

SUGESTÕES DE LEITURA 249

## Prefácio

### A história prega uma peça

Quando comecei a preparar a atualização deste livro, incluí um prefácio, que foi escrito antes dos eventos do mês de junho de 2013. O tom geral da análise era positivo e otimista, ressaltava os avanços conseguidos em nosso lento percurso democrático. Havia nele indicações de que algo se movia nos subterrâneos de nossa sociedade, de que estavam em andamento transformações na estrutura social e nos meios de comunicação capazes de, eventualmente, produzirem perturbações na calma política que há anos anestesiava a mobilização política. Mas o autor, como, aliás, os cientistas políticos, sociólogos, jornalistas, políticos, serviços de inteligência, marqueteiros, estavam longe de prever que a turbulência se verificaria tão cedo e com tanta força.

Inesperadamente, centenas de milhares de brasileiros começam a sair às ruas protestando, inicialmente, contra aumentos nas tarifas dos transportes públicos. Iniciados em maio em Natal, os protestos chegaram a São Paulo em junho, organizados pelo Movimento Passe Livre. Alastraram-se para o Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Fortaleza e outras capitais, além de cidades do interior, ocupando todo o mês de junho. O dia 20 desse mês representou o auge do movimento, quando houve manifestações em 80 cidades. Em São Paulo,

300 mil pessoas desfilaram, 100 mil no Rio de Janeiro, 25 mil em Brasília. De início pacífica, a natureza das manifestações começou a se alterar após repressão truculenta da polícia paulista durante a manifestação de 13 de junho, quando sete repórteres foram atingidos por balas de borracha e mais de 200 manifestantes foram presos. A violência policial marcou também a marcha dos 300 mil no Rio de Janeiro nesse mesmo dia, quando mais de 60 manifestantes foram levados a hospitais. Ao longo do processo, as manifestações começaram a ser infiltradas por grupos interessados em promover conflito com a polícia e cometer atos de vandalismo. Ganham notoriedade os *black blocs*, grupo surgido, em reação à violência policial, na Alemanha na década de 1980, com o nome de *Schwarze Block*. Seus membros usavam roupas negras e máscaras. Com a infiltração desses grupos, o final das passeatas passou a ser marcado por batalhas entre eles e a polícia, acompanhadas de atos de vandalismo. O fato fez com que o amplo apoio inicial da população às manifestações começasse a diminuir.

Todos assistimos, bestializados, a essa explosão coletiva de insatisfação. A perplexidade atingiu em cheio o mundo político, em especial o Partido dos Trabalhadores, que nunca deixou de se autopromover como responsável por um governo popular. Congresso e Executivo apressaram-se em declarar que estavam atentos ao clamor das massas e em propor reformas e iniciativas, algumas delas mais de seu próprio interesse do que do interesse das ruas, como foi o caso das propostas feitas pela presidente de convocação de constituintes, plebiscitos e referendos.

Passado o tsunami, apareceram, e continuam a aparecer, dezenas de explicações. É preciso, no entanto, reconhecer,